

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

ABANDONO E REPETÊNCIA NA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E AÇÕES

Evanize Eliza Buss Gesser¹
Suely Aparecida Martins²

RESUMO

O presente trabalho apresenta a concepção dos jovens da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Castro Alves – Ensino Fundamental e Médio de Enéas Marques e de seus professores sobre motivos/causas que estão contribuindo com a reprovação e abandono dos mesmos, disseminando uma cultura da culpabilização dos sujeitos escolares pelo fracasso. Neste contexto foi elaborado um trabalho de pesquisa, utilizando-se como instrumento de coleta de dados questionários para os alunos com questões abertas e fechadas, entrevistas semiestruturadas com jovens que abandonaram a referida série em 2015 e relato dos professores sobre a temática. Os resultados apontam que há fatores externos e internos a escola que contribuem com o abandono e reprovação. Entre os fatores externos estão aqueles de origem socioeconômica, cultural, histórica e política. Em relação aos fatores internos a escola destacam-se a dificuldade do reconhecimento do jovem como sujeito, as práticas avaliativas e pedagógicas, falta de contextualização do conteúdo e sucessivas reprovações. Estes dados embasados na literatura científica subsidiaram as reflexões do grupo de estudos com professores e pedagogos para conduzir possíveis ações e soluções para evitar o insucesso escolar dos jovens do Ensino Médio.

Palavras-chave: Jovens. Ensino Médio. Abandono. Reprovação. Ações.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo, o fracasso escolar é uma temática debatida e que ainda gera preocupações no campo educacional em função do abandono e repetência. Embora existam vários estudos que abordam o assunto, o problema persiste constituindo-se como um processo excludente dos sujeitos na aquisição do conhecimento. As leis garantem acesso do jovem ao Ensino Médio, mas não há garantias de sua permanência. Há um distanciamento entre o proposto pela legislação e a prática efetiva daquilo que está indicado.

¹ Professora Pedagoga da Rede Pública do Estado do Paraná e integrante PDE 2016/2017, lotada no Colégio Estadual Castro Alves – Ensino Fundamental e Médio, Enéas Marques-PR. E-mail: evanizebg@seed.pr.gov.br

² Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação (mestrado) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão-PR. E-mail: martins_sue@hotmail.com

Assim, as justificativas para a problemática residem no fato do fracasso escolar se configurar, ainda nos dias atuais como uma das questões centrais a ser enfrentada pela escola na busca da garantia de direitos aos jovens, ou seja, de possibilitar a estes não somente o direito de se matricular na escola, mas de frequentá-la e usufruir ao máximo do conhecimento científico e cultural que ela pode lhe proporcionar.

O presente artigo é resultado das atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE 2016/2017, sendo composto pelas seguintes etapas: Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola, Produção Didático-Pedagógica, Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola e Grupo de Trabalho em Rede.

Todo esse processo teve início no seguinte questionamento que me inquieta cotidianamente como profissional da educação: reprovação e abandono: de quem é a culpa? Há culpados? Há quem afirma que é culpa da família que não funciona, desestruturada, que não acompanha os filhos na vida escolar; dos jovens que são desinteressados e não estudam; da escola e dos professores porque não sabem ensinar os novos sujeitos que adentram nos espaços escolares. Diante disso surgiu outra questão: quem são estes sujeitos jovens que estão reprovando e se evadindo da escola? Por que estão fracassando?³

Nesta perspectiva, constituiu-se com o objetivo de estudar, analisar a repetência e o abandono, a partir da concepção dos jovens da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Castro Alves – Ensino Fundamental e Médio e de seus professores, para compreender o que está contribuindo com o aumento dos índices de repetência, abandono e aprovação pelo Conselho de Classe nesta série. Assim, durante o ano letivo de 2016, foi elaborado o Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola com objetivo de embasamento teórico referente a temática, os dados foram coletados a partir de observações das turmas da 1ª série, das reuniões do Conselho de Classe, pela aplicação de questionários, entrevistas e registros de relatos dos professores da série durante as horas atividades.

³ Tais questões também estiveram presentes na participação no Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, programa de formação continuada oferecido pelo Governo Federal através do Ministério da Educação em parceria com as Universidades Federais e Estaduais nos anos de 2013, 2014 e 2015. Este tinha como objetivo capacitar professores e pedagogos para realizar o redesenho curricular do Ensino Médio a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Parecer CNE/CEB 05/2011 e Resolução CNE/CEB 02/2012).

Ao adotar essa estratégia de pesquisa pretendeu-se levantar, através das questões elaboradas, tanto para alunos, como para professores, dados e relatos que nos levariam a identificar possíveis fatores ou causas que estão levando o jovem a se desinteressar pela escola, contribuindo com os índices de reprovação e abandono escolar.

A partir do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola elaborou-se a Produção Didática Pedagógica, em forma de Unidade Didática, para apoio metodológico no desenvolvimento dos encontros do grupo de estudos com os professores, pedagogos e direção do Colégio de atuação, com o título: “Abandono e repetência na 1ª série do Ensino Médio: desafios e Ações”. Os materiais da Unidade Didática também contribuíram para a organização e desenvolvimento das atividades do Grupo de Trabalho em Rede, sendo este relatado juntamente com a Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola e seus resultados diante das leituras, reflexões do grupo e análise dos dados coletados junto a alunos e professores. A partir desta atividade, foram elaboradas propostas de ações para intervir no processo de insucesso escolar dos jovens do Ensino Médio.

Por fim, este artigo está organizado em dois momentos. Primeiramente apresentamos algumas reflexões teóricas que ajudaram a compreender a pesquisa realizada com os jovens como também serviram como suporte para as discussões realizadas com os professores, equipe pedagógica da escola e no GTR. Os estudos de Saviani (2013), Brasil-Formação de professores do Ensino Médio (2013), Fornari (2010), Frigotto e Ciavatta (2004), Kuenzer (2005) e Patto (2015), foram fundamentais para entender o fracasso escolar como um processo excludente e que atinge principalmente a classe trabalhadora e o sistema público de ensino. Dayrell e Carrano (2014), Charlot (2013), Krawczyk (2011), entre outros, por sua vez, ajudaram a entender a relação entre os jovens e a escola.

Num segundo momento, relatamos como foi conduzida a pesquisa com os jovens e professores e o processo de implementação pedagógica na escola. Em seguida, trazemos dados da pesquisa e reflexões sobre as concepções dos jovens e professores sobre o abandono e a repetência no Ensino Médio. Por fim, destacamos as propostas de ação indicadas para intervir no processo de insucesso escolar dos jovens do Ensino Médio na escola estudada.

FRACASSO ESCOLAR E ORGANIZAÇÃO DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO

Embora as desigualdades tenham diminuído com a democratização do Ensino Médio, as disparidades ainda são altas e precisam ser corrigidas de forma a garantir a todos igualdade de oportunidades no sistema público de ensino. A superação das desigualdades de acesso e permanência dos jovens, diminuindo a repetência e o abandono escolar, implica na reorganização da sociedade meritocrática e individualista, na qual o sujeito é totalmente responsabilizado pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso, por uma sociedade, na qual todos os bens materiais e culturais estejam disponíveis a todos os cidadãos. Fornari (2010, p.123) reforça afirmando: “Assim, pensar a reprovação e a evasão escolar requer perceber que apenas o acesso à escola, embora condição necessária, não é suficiente para que milhões de pessoas esquecidas socialmente sejam lembradas apenas em quadros estatísticos”.

Nesse sentido, o fracasso escolar é um problema de ordem histórica para o sistema educacional brasileiro. O Ensino Médio, principalmente, apenas expandiu sem possibilitar a formação integral que todo aluno tem direito, contribuindo com a cultura da exclusão do sujeito do processo de ensino através da repetência e abandono. Como verificado por Patto (2015), em seus estudos, os altos índices de evasão e reprovação apresentam-se como ponto crítico do sistema educacional brasileiro, é um problema complexo que transcorre das dimensões ideológicas, institucionais, históricas, políticas, socioeconômicas e pedagógicas que articulam os processos de efetivação das práticas no cotidiano escolar. Segundo, Patto (2015, p.119) “No passado, a exclusão atingia os que não ingressavam na escola; hoje atinge os que nela chegam, operando, portanto de forma menos transparente.” Sob essa mesma perspectiva, Krawczyk completa afirmando:

O aumento da demanda da escola média está acontecendo sob uma estrutura sistêmica pouco desenvolvida, com uma cultura escolar incipiente para o atendimento dos adolescentes e jovens das parcelas mais pobres da população. Não se tem produzido a democratização efetiva do acesso à última etapa de escolarização básica, mas sim um processo de massificação do ensino, desvinculado dos interesses dos adolescentes e jovens e em condições objetivas muito precárias. (KRAWCZYK, 2011, p.766).

O que é percebido ao longo dos tempos são as mesmas ideias, a escola é preparada para um aluno idealizado, bem alimentado, educado, disciplinado, que vem para escola para aprender, com família organizada e interessada pela vida escolar do filho e não como se apresenta diante da diversidade de sujeitos e sua situação de sucesso ou insucessos e determinantes sociais, culturais e econômicas. Diante dessa situação a escola tenta explicar o fracasso do aluno, conforme Patto (2015, p.153) “No período de quase um século, portanto, mudam as palavras, permanecem uma explicação, seja ela de natureza biológica, psíquica ou cultural.”

Para Fornari (2010), as reflexões acerca das concepções que identificam os determinantes da evasão, do abandono e reprovação escolar necessitam superar os discursos de condicionantes da condição individual e situá-los no sistema do capital e fatores macrossociais. É necessário o entendimento do abandono e da repetência a partir da análise dos processos sociais que, orientados por uma lógica econômica capitalista, atravessam o cotidiano escolar e reproduzem neste contexto o modelo das relações sociais. Há nesta perspectiva uma crítica às políticas educacionais descompromissadas com a democratização do ensino e às instituições que excluem do ato pedagógico os jovens, os movimentos sociais e a família. Frigotto (2003, apud Paraná, 2013, p. 58) argumenta, “A desigualdade não é gerada na escola, mas na sociedade. A escola pode reforçá-la ou contribuir para sua superação”.

Na sociedade do capital os jovens das camadas mais pobres necessitam inserir-se no mercado de trabalho para contribuir com a renda da família e também para adquirir e consumir os bens e mercadorias para ser incluído em um grupo e fazer parte do mesmo. O capitalismo precisa de consumidores e encontra nas juventudes seu campo fértil, pois os possuidores de bens de consumo são considerados vencedores. Muitos jovens inseridos no mercado de trabalho possuem dificuldades de conciliarem escola e trabalho levando-os a abandonar ou a baixa aprendizagem, devido ao cansaço. A condição sociocultural constitui fator preponderante para o sucesso escolar e a conclusão ou não dos estudos no Ensino Médio.

Somos sabedores de que a escola não pode resolver o problema das desigualdades sociais, mas traz para o jovem trabalhador a expectativa de melhoria do status social, a confiança de condições de vida digna. Para se chegar a este entendimento, faz-se necessário refletir que estes alunos têm uma história de vida e

é preciso que o professor a reconheça como legítima, para iniciar o diálogo com os jovens possibilitando a permanência destes na escola. Sua trajetória de vida pode não depender exclusivamente da sua vontade ou da falta de vontade de adquirir o conhecimento e transformar sua situação, depende também da proposta de educação que lhe é oferecida. A formação dos jovens poderá ser para a transformação ou a manutenção da sociedade capitalista excludente, que se garante pela exploração do trabalho.

São vários os motivos e situações que levam o jovem a abandonar a escola ou a fracassar na aprendizagem. Para interferir na mesma se faz necessário identificar quais são, como se apresentam e como devem ser combatidas. Arroyo afirma:

Nossa visão-ação progressista continua enfatizando as conexões do fracasso escolar com determinantes estruturais, condições sociais dos alunos e dos mestres, condições de trabalho das escolas. Realidades que nos perseguem e que se agravaram desde a década dos oitenta com a recessão, o desemprego, a miséria, os baixos salários dos professores, a degradação moral e cultural da sociedade... Como ignorar o peso dessas realidades no processo educativo e cultural de que a escola participa? Essa realidade econômica e social é o caldo dessa permanente reprodução da cultura da segregação e exclusão de que a cultura do fracasso escolar faz parte. (ARROYO, 2000, p. 49-50)

Com o crescimento dos índices de evasão escolar, a exclusão vai sendo socialmente legitimada. Segundo dados apresentados no Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2016, no Brasil, em 2014, 56,7% dos jovens até 19 anos concluíram o Ensino médio e no Estado do Paraná 59,4%. As taxas de matrículas no Ensino Médio em 2014 foram de 61,4% no país e 63,3% no Estado, dado mais recente disponível. Estes dados confirmam que a educação ainda não é para todos, temos problemas de acesso e agravando-se na permanência e sucesso dos jovens. Kuenzer (2005, p. 35), afirma que o “Ensino Médio não tem sido para todos, e, embora o compromisso do Estado deva ser com sua universalização”, os caminhos escolares são marcados pelo constante saídas e retornos que demonstram claramente como a juventude e juventudes vivem e percorrem o sistema de ensino no Brasil.

O Ensino Médio configura-se como uma etapa intermediária entre o Ensino Fundamental e o Ensino Superior, com particularidade de atender os jovens e adultos com expectativas diferentes frente à sua escolarização. Fazendo uma

reflexão sobre o Ensino Médio, modalidade da educação básica, é possível observar e visualizar o processo excludente e dualista impregnado na organização e legislação que o rege. É primordial compreender o cenário desse nível de ensino no Brasil, trazendo à tona a história e os fatores que contribuem com o fracasso escolar, os quais impedem que uma significativa parcela dos jovens brasileiros consigam acesso, permanência e conclusão do Ensino Médio.

Pode-se dizer que, desde sua origem, a educação brasileira esteve atrelada aos interesses da elite, e este entendimento é de suma importância para a compreensão das formas assumidas pelo ensino na sua trajetória histórica⁴, bem como se organizam as legislações e se legitimam no espaço escolar para manter e fortalecer a hegemonia do capital.

Libâneo (2011) chama atenção em seu artigo “O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres.” O autor afirma que o declínio da escola pública brasileira se deve à dualidade entre uma escola focada no conhecimento, na aprendizagem e nas tecnologias, voltada para o filho dos ricos, e outra de acolhimento social, de integração social, destinada aos filhos dos pobres. Essa dualidade foi reforçada pelas políticas do Banco Mundial. No Brasil, o primeiro plano oficial resultante dessas conferências foi o Plano Decenal de Educação para Todos (1993 a 2010) que tinha como objetivos: universalização do acesso escolar, financiamento e repasse de recursos financeiros, descentralização da gestão, Parâmetros Curriculares Nacionais, ensino a distância, Sistema Nacional de Avaliação, políticas do livro didático, Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96), entre outras.

Assim, a política educacional do Ensino Médio é resultado de um projeto de sociedade fundamentado nas necessidades do mercado de trabalho e da ideologia neoliberal, que sustenta as políticas dominantes e orienta as políticas educacionais, bem como o tipo de sujeito que se quer formar.

⁴ A identidade do Ensino Médio esteve, ao longo de sua história, retratada por dois focos: um que privilegia a formação do aluno para o mercado de trabalho e outro voltado para a continuidade dos estudos. Essas duas possibilidades determinavam, para os diferentes indivíduos, a posição a ele reservada, na divisão social e técnica do trabalho. Esta dualidade portanto, identifica historicamente o Ensino Médio e o mantém atrelado à organização e à permanência da sociedade de classes. (PARANÁ, 2007, p. 9).

O Ensino Médio, especificamente na Lei 9394/96, deixou de ser a etapa localizada entre o início da escolarização e o ensino superior, passando a ser a última etapa da Educação Básica. Essa Lei consagrou o ensino médio como educação básica e define que a educação escolar deve estar vinculada ao mundo do trabalho e a prática social, explicitados nas finalidades do Art. 35.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Parecer CNE/CEB 05/2011 e Resolução CNE/CEB 02/2012), pelo menos no plano teórico, apresentam um avanço para romper com a dualidade. Estas têm como fundamento a formação integral do jovem, o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico; a educação em direitos humanos; a sustentabilidade ambiental como meta universal; considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos do processo educativo, bem como entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem; a integração de conhecimentos gerais na perspectiva da interdisciplinaridade e da contextualização; o reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes; a integração entre educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular.

A proposta da DCNEM 02/2012, em uma nova configuração curricular, coloca o jovem como sujeito do seu próprio conhecimento, preparando o jovem para a cidadania. Nesse contexto, o jovem torna-se o autor principal do processo de ensino e aprendizagem. Diante dessa proposta, o jovem deve desenvolver sua autonomia intelectual, criatividade, autonomia de decisões, capacidade de trabalhar em equipe, capacidade de exercer múltiplos papéis e executar diferentes tarefas, autonomia intelectual e pensamento crítico com capacidade de solucionar problemas.

Frente a esse novo paradigma precisamos conhecer os sujeitos jovens que frequentam o Ensino Médio, seus mundos, suas realidades reais e virtuais e suas múltiplas linguagens. Talvez tenhamos que nos alfabetizar nesses novos códigos que sinalizam para outra base que não separe vida e conhecimento. Há uma tendência de se pensar que na escola só há alunos, nos esquecemos que há gente de carne e osso, não apenas conhecimento.

JOVENS: SUJEITOS DO ENSINO MÉDIO

A palavra juventude traz consigo uma complexa ambiguidade de sentidos e definições. Constitui uma fase em que se adquirem novas habilidades, novas responsabilidades e obrigações, novos relacionamentos e formação de uma identidade própria.

Embasado em um critério puramente objetivo, o Estatuto da Juventude – Lei nº 12.852/2013) de 05 de agosto de 2013 dispõe que são considerados como jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade (Art. 1º, §1º).

Todavia, o tema juventude é algo que certamente gera inúmeras discussões e diferentes posicionamentos, especialmente que tange ao seu conceito. Sanfelice (2013, p.67) esclarece, “Parto também do princípio de que juventude não se constitui por uma identidade universal própria.”

Nesse sentido, o conceito de juventude possui várias vertentes e pode ser visto por diferentes ângulos, tais como biológicos, psicológicos, sociais, históricos e educacionais. Dayrell e Carrano (2014), afirmam que a juventude é um processo em que os sujeitos se encontram em construção, é um momento de muitas transformações sendo difícil categorizá-la em sua diversidade. O termo juventude é difícil de ser definido devido à pluralidade e diversidade juvenil, ou seja, ele não é um conceito estagnado, pois vários fatores vão influenciar na sua caracterização.

Fator que influencia muito na compreensão acerca da juventude é o preconceito e a criação de imagens sobre os jovens. Nessa tendência, as representações que circulam pelas diversas mídias interferem na maneira da sociedade compreendê-los. A propósito, em muitas instituições de ensino, há uma visão sobre o jovem que o desvincula do presente, remetendo-o a um sujeito adulto.

Tendo como ponto de partida a preocupação com os sujeitos, que não são somente influenciados pelas suas características biológicas, mas por outras determinantes que não os tornam universais, a juventude trata-se de uma categoria social usada para identificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. Groppo (2004, p.11) define, “Mas a juventude é sobretudo, uma categoria social e não uma característica natural do indivíduo.” Outra definição é dada em Brasil (2013, p.14), “A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação.”

Desta forma, coloca-se o desafio da compreensão da juventude, observando-se as regularidades comuns entre os jovens, mas também as diversidades entre eles. É necessário compreender e respeitar estas diversidades do modo de vida dos jovens, pois, só assim, será possível perceber as representações que eles fazem da sua realidade e refletir sobre a maneira como constroem e dão significados aos espaços, através dos locais que frequentam, dos seus estilos de vida, da produção de culturas juvenis, dos padrões de consumo e das relações sociais que estabelecem, afastando-se de saudosismos ou de um modelo ideal de juventude.

O esforço de conhecer e reconhecer os jovens estudantes pode levar à descoberta dos jovens reais e corpóreos que habitam a escola. E que em grande medida, podem afastar das representações negativas dominantes ou abstrações sobre o “jovem ideal”. Buscar perceber como os jovens estudantes constroem o seu modo próprio de ser é um passo para compreender suas experiências, necessidades e expectativas. (BRASIL, 2013, p.16, grifos do autor)

Portanto, de acordo com essa perspectiva, as particularidades, diversidades, contradições e especificidades dos grupos juvenis inviabiliza sua classificação como grupo homogêneo. Diante de tamanha diversidade e da dificuldade de categorização da juventude, Dayrell e Carrano (2014, p. 104) preferem utilizar a ideia de “condição juvenil, que engloba uma dimensão histórico-geracional e também o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais.”

Para se entender os processos sociais em que os jovens se envolvem, é necessário recorrer à forma como expressam seus comportamentos, gostos, opções de vida, esperanças e desesperanças. As condições econômicas, políticas e sociais determinam características peculiares para se entenderem não só os comportamentos individuais, mas especialmente os processos sociais em que os jovens estão envolvidos.

Assim, vale ressaltar que, mesmo em um grupo juvenil distinto, podemos verificar características comuns entre esses indivíduos, como as dúvidas, expectativa e incertezas em relação ao futuro, o gosto por determinado estilo musical, estilo de roupa, acessórios, formação de grupos, a preferência religiosa, política ou esportiva, as características socioeconômicas, dentre outros.

Em contrapartida, esses jovens requerem necessidades básicas, universais e específicas, que estão longe de serem atendidas, principalmente nas periferias dos grandes centros. No atual cenário econômico brasileiro a população jovem sofre

com o aumento das taxas de desemprego. A população jovem que está entrando no mercado de trabalho, de 14 a 24 anos, foi a mais atingida, segundo dados divulgados no mês de maio de 2016 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), chegando a 26,36%, conforme dados referentes ao primeiro trimestre do ano.

A Organização Internacional do Trabalho, no documento “Juventude e informalidade: a formalização da juventude informal Experiências inovadoras no Brasil de 2015”, chama atenção sobre o trabalho informal e precarizado de uma parcela da juventude:

Além das situações de pobreza e privação, em que o jovem é instado a trabalhar para ajudar a família, nesta fase de 15 a 17 anos, ele se encontra num “desabrochar para a vida”, o que desperta um forte desejo de autonomia, liberdade e emancipação, além de um sentimento de urgência pela realização de novas experiências. Frente a isso, é necessário reconhecer que uma série de riscos podem se apresentar a esse indivíduo, muitas vezes ainda imaturo: experimentação e envolvimento com substâncias ilícitas, como bebida alcoólica e drogas, tendo como pano de fundo um ambiente de violência crescente, como é o caso do Brasil nos anos mais recentes. (OIT, 2015, p.9)

O documento confirma que particularmente no Brasil, os jovens, principalmente os das classes menos favorecidas, vivem numa situação de vulnerabilidade social, marcada por altos índices de homicídios, violência das mais diversas formas, falta ou ineficácia de políticas públicas, omissão e violação de seus direitos e integridade física e/ou psíquica, preconceito, exploração, envolvimento com drogas, dentre tantos outros. Além da violência, as desigualdades também são maiores dentre os mais pobres, algo que poderia ser amenizado se os jovens tivessem acesso a bens, serviços e espaços públicos de lazer e cultura, algo que está longe de acontecer.

Diante disso, o jovem de hoje tem medo quanto às incertezas do futuro, principalmente relacionadas à inserção no mercado de trabalho. Perante esse quadro e sem o mínimo necessário para uma vida digna, muitos destes jovens adotam comportamentos violentos como forma de resposta às agressões e limitações de que são vítimas. Este público cada vez mais heterogêneo, marcado por uma sociedade desigual, traz para o interior da instituição escolar as contradições de uma estrutura social desigual, que interferem em suas trajetórias escolares. Conforme argumenta, Arroyo (2014, p. 63) “Se a escola, os currículos e a

docência não conseguirem desconstruir essas REPRESENTAÇÕES INFERIORIZANTES, precisam, ao menos não reforçá-las, nem ocultá-las.” (grifos do autor)

Neste sentido, a escola não pode esperar que o estudante trabalhador do Ensino Médio se mobilize para aprender e tenha tempo fora da escola para se dedicar ao ofício de aluno: fazer tarefas, cumprir prazos, disponibilizar-se a aprendizagem. Esse tipo ideal de estudantes nem sempre coincide com o jovem trabalhador ou filho de trabalhador que se encontra nas salas de aula do atual ensino médio, com seus diferentes anseios e condições de frequentar efetivamente esta etapa de ensino. Para Gil e Seffner (2016, p.185) “Se quisermos como educadores, compreendê-los, precisamos conhecê-los indo além das predefinições dos jovens como quem não sabe, não tem futuro, consumista, alienado ou rebelde.”

Diante dessas juventudes pode-se observar atualmente no centro das grandes cidades, nas periferias e até mesmo na zona rural as manifestações mais autênticas e um ponto em comum: o uso das redes sociais. Os jovens hoje se identificam na cultura de mídias, formando uma identidade digital com arranjos sociais construídos nas redes sociais virtuais, cuja linguagem está no imaginário e no cotidiano dos estudantes do Ensino Médio. Juntamente com esse movimento os alunos acostumados ao acesso imediato à informação, que não requer deles um processo de reflexão e construção pessoal, automatizam suas ações escolares de maneira semelhante à internet. Em compensação, o jovem é infinitamente criativo e tem uma capacidade enorme de inovar e surpreender. Nesse sentido, fortalecer a participação social, política e o participação juvenil tornam-se importantes ferramentas capazes de superar as barreiras da desigualdade e formar cidadãos autônomos. Nessa perspectiva, no que se refere à educação, promover um diálogo entre os conteúdos oferecidos nas escolas aplicados ao dia a dia do jovem, com a cultura que ele traz consigo, suas relações interpessoais, o acesso à informação e a preparação para o mundo do trabalho têm papel primordial.

Também se faz necessário investir em políticas públicas de qualidade para juventude, principalmente educação, saúde, segurança, cultura e lazer. Isso significa preservar seus direitos enquanto cidadãos, possibilitando-lhe fazer a transição saudável da adolescência para a idade adulta, livrando-os de todas as formas de violência que acometem tanto os jovens de hoje.

Portanto, reconhecer que os colégios de Ensino Médio são frequentados por diferentes juventudes num contexto de uma sociedade economicamente desigual é primordial para diminuir o processo seletivo e excludente a que muitos jovens são submetidos. Tais questões se tornam mais evidentes no interior da escola, e acabam interferindo nas trajetórias escolares e nos sentidos atribuídos a sua formação escolar. Assim, faz-se necessário desvendar o papel e o sentido atribuídos pelos jovens à escola, o que aponta para a discussão necessária sobre as possíveis relações que os jovens estabelecem entre os seus projetos de vida e a experiência escolar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: COLETA DE DADOS E IMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

O estudo e a implementação tiveram como foco o Colégio Estadual Castro Alves – Ensino Fundamental e Médio, localizado no município de Enéas Marques-PR. Os sujeitos envolvidos foram pedagogos, professores e alunos da 1ª série do Ensino Médio. Propomos como metodologia de trabalho a coleta de dados junto aos jovens estudantes da 1ª série do Ensino Médio com aplicação de questionários e entrevistas, diálogo com os professores nas horas atividades para subsidiar a implementação através de grupos de estudos com professores e pedagogos.

O Colégio Estadual Castro Alves – Ensino Fundamental e Médio, está localizado na sede do município de Enéas Marques, pertence ao NRE de Francisco Beltrão, possui uma média de 554 alunos, dentre estes 236 são do Médio distribuídos em três turnos. A escola disponibiliza em seu quadro funcional 100% dos professores pós-graduados em suas áreas específicas, 69% dos professores pertencem ao Quadro Próprio do Magistério, equipe pedagógica todos com formação específica e pertencentes ao Quadro Próprio do Magistério, 57% dos funcionários possuem graduação e 43% nível médio.

O município de Enéas Marques possui uma população, segundo dados estatísticos do IBGE, de 6.636 habitantes, sendo que 69% da população concentra-se na área rural do município e em pequenas propriedades. Tem sua base econômica fomentada pelo gado leiteiro e suinocultura. Sendo estas atividades desenvolvidas pela agricultura familiar.

Para o desenvolvimento deste projeto foi utilizado o método de pesquisa, pois se trata de uma questão empírica de interesse coletivo, conforme Gil

(2002, p. 146), “pesquisa-ação concretiza-se com o planejamento de uma ação destinada a enfrentar o problema que foi objeto de investigação.”

Para elucidar os reais índices educacionais que mostram formas de fracasso escolar, levou-se em conta além das taxas de abandono e reprovação, os números de aprovados por Conselho de Classe. Foi realizado levantamento junto à secretária da escola dos resultados expressos nos relatórios finais e nas atas do Conselho de Classe sobre as porcentagens envolvendo os alunos da 1ª série do Ensino Médio. Estes dados revelaram outros índices de alunos que não estão conseguindo atingir a média para aprovação e estão necessitando de outros meios para serem promovidos para a série seguinte. Os referidos apontamentos estão camuflando e escondendo situações de insucesso escolar e baixa aprendizagem. O quadro abaixo ilustra o aumento no número de reprovações, aprovações por conselho de classe e evasões na 1ª série do Ensino Médio nos últimos anos. Tomamos como ponto de partida para análises de nossos estudos o ano de 2012 o qual utilizaremos para realizar um comparativo com o ano de coleta de dados, 2016.

Rendimento Escolar da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Castro Alves – Ensino fundamental e Médio – Enéas Marques

Ano	Taxa de aprovados	Aprovados por Conselho de Classe	Taxa de reprovação	Taxa de Abandono
2012*	75,40 %	8%	17,46%	1,59%
2016**	65,58%	23,21%	24,71%	9,41%

* Dados fornecidos pela Secretaria do Colégio.

**<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/f/fcls/municipio/indicador/rendimentoEscolarPreliminar.xhtml>

Vale ressaltar, ainda, que muitas vezes, os estudantes preferem abandonar a escola nos últimos meses de aula, pois estão em vias de reprovar e por considerarem que não têm nota para passar, engrossando os números de reprovados. Estes números também trazem à tona uma parcela de jovens que chegam ao Ensino Médio com formação inadequada proveniente do Ensino Fundamental.

Para coleta dos dados junto aos jovens foi elaborado um questionário com 23 questões abertas e fechadas, levando-se em consideração os estudos realizadas no referencial teórico. Foram aplicados 65 questionários nas 3 turmas matriculados em 2016 na 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Castro Alves – Ensino

Fundamental e Médio⁵, com objetivo de levantar dados sobre motivos que encaminham o jovem à reprovação.

Dos alunos que responderam a pesquisa 54% são do sexo feminino, 46% do sexo masculino, 69% dos alunos moram na área rural do município, com idade entre 14 e 17 anos, sendo que 72% dos estudantes possuíam 15 anos na data da coleta dos dados, o que demonstra que não há grande número de distorção de idade e série. Quanto à taxa de reprovação segundo dados coletados, 29% dos pesquisados responderam que já reprovaram em algum momento de sua vida escolar.

Também foram realizadas entrevistas a partir de um roteiro com questões semiestruturadas com os alunos matriculados na 1ª série em 2015 que abandonaram o colégio durante o período letivo e realizaram novamente sua matrícula em 2016. Este instrumento teve como objetivo coletar dados para identificar quais fatores estão contribuindo para o jovem abandonar o colégio na referida série. As entrevistas foram realizadas com 4 jovens, nas dependências do Colégio, gravadas em áudio para posterior transcrição. Dos quatro⁶ entrevistados dois estavam frequentando o colégio e dois já haviam abandonado os estudos, o contato com estes jovens foram realizados via telefone e redes sociais e não houve recusa dos mesmos em participar da pesquisa.

Durante o mês de novembro 2016, realizamos diálogo durante a hora atividade com 12 professores dos alunos da 1ª série do Ensino Médio para verificar sua visão sobre quem são os jovens, porque alguns se evadem ou reprovam, o que propõem para problemática que está interferindo na aprendizagem, excluindo alunos do processo de ensino e sua opinião sobre a reforma do Ensino Médio.

A Intervenção Pedagógica na Escola, em forma de grupos de estudos, foi planejada para ser desenvolvida em 40 horas/aulas sendo 32 horas presenciais e 8 a distância para complementação dos estudos. O tempo foi insuficiente sendo

⁵ Os questionários foram aplicados no mês de novembro de 2016 após o período de ocupações das escolas pelos jovens, em um período de extensos debates nas escolas e na mídia sobre os rumos do Ensino Médio no Brasil indicadas pela Medida Provisória nº 746/16 apresentada em via contrária do processo democrático⁵, sem a participação da sociedade nas discussões. Nas respostas descritas pelos jovens às questões pode-se perceber reflexos dos discursos provocados pelas medidas propostas às reformas do Ensino Médio.

⁶ Foram analisados somente duas entrevistas, pois houve dificuldade de manter distância e neutralidade diante dos relatos dos primeiros dois entrevistados, por não termos práticas de pesquisadores em nossa ação escolar. Isso ocorreu devido ao acompanhamento pedagógico de suas trajetórias escolares, o que dificultou afastar-se do objeto de estudo, o fato foi percebido na transcrição das falas.

reorganizado para 9 encontros presenciais e somente 4 para complementação de estudos, além disso foram retiradas atividades.

O objetivo principal do grupo de estudos foi contribuir com a formação dos profissionais de educação do referido Colégio a partir da abordagem de temas e teorias relacionados a reprovação e abandono dos jovens do Ensino Médio, sendo organizado em 6 tópicos: 1) O dualismo estrutural do Ensino Médio: histórico e legislações; 2) Ensino Médio e a Pedagogia Histórico-Crítica; 3) Construindo uma noção de juventude: juventudes, jovens e Ensino Médio, 4) O jovem do Ensino Médio: os desafios do abandono e da repetência; 5) Apresentação dos trabalhos para comunidade escolar e 6) planejamento de ações para auxiliar o jovem, permanecer e concluir o Ensino Médio.

As temáticas propostas foram desenvolvidas com atividades teórico-práticas mediante realização de análise dos dados, partilha de experiências, de informações, legislações educacionais vigentes, vídeos, leituras e análises de textos educacionais que auxiliaram na compreensão da situação posta, seminário e elaboração coletiva de ações para enfrentamento da problemática.

Os encontros com a participação de professores e pedagogos propiciaram à Professora PDE ministrante, à professora ministrante da UNIOESTE e aos participantes a possibilidade de análise dos resultados das pesquisas, a reflexão e o debate sobre temas importantes relacionados ao abandono e reprovação na 1ª série do Ensino Médio, contribuindo com o processo de formação dos educadores e o reconhecimento dos sujeitos jovens, alunos do Ensino Médio.

O Grupo de Trabalho em Rede – GTR é uma das atividades obrigatórias do PDE, prevista no Plano Integrado de Formação Continuada do Programa, sendo um momento privilegiado para socialização das produções do Professor PDE e interação entre seus pares na Rede Estadual de Ensino⁷.

⁷ Fui tutora, interagindo e trocando informações com 15 (quinze) pedagogas de diferentes regiões do Estado que comungam das mesmas angústias diante dos desafios do número crescente de jovens que reprovam ou abandonam a 1ª série do Ensino Médio. Este teve início em 10/04/2017 e encerrou dia 29/06/2017. O GTR foi organizado em três módulos em que foi refletido sobre a temática do objeto de estudo, o abandono e a reprovação escolar no Ensino Médio, problemática significativa que leva os jovens a um processo de fracasso ou exclusão do sistema de ensino.

REPETÊNCIA E ABANDONO NA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO: OS DESAFIOS APONTADOS PELOS JOVENS E SEUS PROFESSORES

Optei em estudar a reprovação e abandono escolar⁸ juntas por acreditar que ambas são formas de fracasso escolar, derivam dos mesmos fatores e suas causas são variadas e muitas vezes difíceis de serem identificadas. De acordo com dados da pesquisa e situados na literatura, o abandono e a reprovação ocorrem, basicamente, motivados por fatores externos à escola, de natureza socioeconômica, cultural, histórica e política, e internos à escola, de origem pedagógica, reconhecimento do jovem, práticas avaliativas e pedagógicas, conteúdo enciclopedista sem contextualização e sucessivas reprovações.

A repetência e o abandono escolar constituem os maiores desafios enfrentados pelo ensino médio público brasileiro, uma vez que as causas e consequências estão ligadas tanto a fatores extraescolares como também fatores intraescolares. Cortella se refere ao fracasso escolar como sendo uma epidemia difícil de ser vencida:

Quando analisamos o fracasso escolar (epidemia terrível entre nós e que prefiro chamar de pedagogicídio), sustentado pelos pilares da evasão e da repetência, é usual serem apontadas para ele causas extra-curriculares: condições econômicas e sociais da população, formação histórica colonizadora, poderes políticos, irresponsáveis ou atrelados aos interesses de uma elite predatória etc. Todas essas são causas reais e impactantes, mas não são as únicas. (CORTELLA, 1997, p. 126)

Quanto aos motivos relacionados ao abandono e reprovação escolar os jovens participantes da pesquisa elencaram: o desinteresse para estudar, o número de disciplinas, aulas tradicionais, pouco uso dos recursos tecnológicos, a forma como os professores explicam e sua relação com os jovens, as sucessivas repetências, falta de atividades que possam expressar suas ideias e serem ouvidos, a formação deficitária no Ensino Fundamental e a descontextualização dos conteúdo

⁸ Para conceituar a evasão e abandono se recorre aos termos utilizados pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná: importante se faz neste momento, salientar que as ações, ora apresentadas, objetivam evitar que o abandono escolar venha a se efetivar como evasão escolar. Termos que conceitualmente não podem ser utilizados como sinônimos, pois constituem-se situações educacionais distintas. Conforme Saraiva (2013) “abandono é a condição de infrequência escolar que ocorre durante o andamento do ano letivo, porém no outro ano escolar o (a) estudante é rematriculado. Já na evasão escolar, não ocorre a rematrícula no ano posterior”. (Paraná, 2013, p. 3-4)

que não faz conexões com a realidade vivenciada e nem apresenta expectativas para aplicações futuras no trabalho e a necessidade de trabalhar.

Dentre os fatores apontados pelos alunos a necessidade de trabalhar auxiliando os pais nas atividades da propriedade rural ou mesmo em atividades urbanas são motivos de queixas constantes de cansaço físico e mental. Estas queixas são acompanhadas de alto nível de estresse, desmotivação e não conseguem se adaptar à rotina de trabalho do estudo, dificultando o entendimento de que escolarização é fundamental para mudar sua condição. As queixas são elevadas no período noturno, onde o número de abandono é maior. Segundo Fornari:

Também a necessidade de trabalhar é entendida como um dos principais determinantes para a evasão escolar dos cursos noturnos. A necessidade de trabalho também faz sobrecarregar o aluno, levando-o a um baixo desempenho na aprendizagem. (FORNARI, 2010, p.115)

Os estudantes têm dificuldade de decidir por um ou outro, ou seja, conciliar as duas tarefas, estudar e trabalhar. Na maioria das vezes dão mais importância ao trabalho que traz retorno financeiro imediato. Um dado importante é percebido nas respostas, quando 51% dos jovens responderam que trabalham e ao ser questionado se trabalham com os pais, este número aumenta para 57%. Estes justificaram que trabalham para ajudar a família, e também porque encontram no trabalho um sentido de independência financeira. Segundo eles, às vezes precisam optar em trabalhar tendo que faltar às aulas, deixando de realizar atividades escolares e estudar para as avaliações. Isso pode estar contribuindo com o pouco envolvimento com a aprendizagem, repercutindo em queixas frequentes dos professores, e conseqüentemente contribuindo com o fracasso escolar.

Charlot (2013), afirma que o fracasso escolar não existe. Para ele, existem alunos em situação de fracasso, que não aprendem o que se deseja que eles aprendam. Situação muitas vezes agravada devido aos currículos escolares, que não são adequados à realidade dos alunos, nem às suas necessidades. Assim Charlot (2013, p.178) escreveu, “O essencial é que o aluno se aproprie de conhecimentos que tenham sentido para ele e que, ao responderem a questões ou resolverem problemas esclareçam o mundo.”

Diante do exposto por Charlot, nos deparamos com um desafio importante do Ensino Médio no Brasil, seu currículo enciclopedista e fragmentado dificultando aos jovens a apropriação dos conhecimentos e realizar conexões entre os

mesmos. Nas respostas, os alunos demonstraram entendimento em relação a essa problemática, e ficou evidente que os conteúdos são carentes de sentido, dificultando a compreensão dos assuntos abordados em sala e sua conectividade com o cotidiano. Isso pode ser constatado em respostas dos participantes nos fragmentos a seguir sobre o que gostariam de aprender no colégio:

“Coisas que vamos usar na vida (palestras, como entrar no mercado de trabalho etc.).”

“Atualidades da sociedade e política.”

“Coisas que acontecem hoje em dia.”

“Coisas que a gente vai usar para a vida, não só conteúdos teóricos”

“Conteúdos de economia e administração para saber controlar o dinheiro e não se afundar em dívidas.”

A escola atualmente não pode manter uma postura tradicional e fechada, limitando-se apenas a repassar conteúdos e informações que constam nos livros didáticos. Ela deve ser reflexiva diante do contexto social e ampliar os horizontes no vasto campo do conhecimento e campos sociais. Para tanto, segundo Saviani (2011), a educação deve ser entendida como uma atividade mediadora que está vinculada diretamente à prática social do sujeito, fazendo com que ele incorpore nas suas ações cotidianas elementos culturais e científicos produzidos pela humanidade, para poder transformar a sua prática social, tendo sempre em vista a emancipação da classe trabalhadora.

Em seu texto “Para que serve a escola”, Young (2007) colabora com Saviani (2011) afirmando que a escola só terá êxito se desenvolver no aluno a consciência da transformação, promovendo a igualdade social, por meio de um currículo que promova mudanças em sua percepção de mundo de tal forma que desperte nele a consciência da necessidade de intervenções em seu entorno. Para Young:

...a participação ativa na escola pode ser a única oportunidade de adquirirem conhecimento poderoso e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares. Não há nenhuma utilidade para os alunos em se construir um currículo em torno da sua experiência, para que este currículo possa ser validado e, como resultado, deixá-lo sempre na mesma condição (YOUNG, 2007, p. 1297).

Podemos, a partir do exposto por Young, sobre a importância da aquisição do “conhecimento poderoso”, centrar a queixa recorrente dos professores sobre a falta de interesse dos alunos em aprender este conhecimento. Segundo os

professores, muitos jovens que estão numa sala de aula não abandonam os comportamentos sociais, agem na escola como se estivessem no bar da esquina, em casa, diante de um jogo de videogame, onde o prazer torna-se a palavra de ordem. Esta mesma percepção os jovens possuem sobre eles, segundo o que relataram numa questão em que deveriam descrever quais são os problemas que estão interferindo no processo da aprendizagem e contribuindo com o insucesso escolar.

Diante da queixa dos professores e a descrição dos jovens elaborei um quadro para sintetizar estes relatos, o qual foi utilizado na implementação com os professores e na socialização dos dados da pesquisa com os jovens participantes da mesma:

Dados coletados nas pesquisas	
Quem é o sujeito da 1ª série do Ensino Médio do Colégio	
Como os jovens são descritos pelos professores	Como os jovens se descrevem
<ul style="list-style-type: none"> • Desinteressados; • Sem perspectiva de vida; • Querem tudo pronto e facilitado; • Desmotivados; • Imediatistas; • Diminuição do nível de conhecimento; • Tecnológicos; • Reflexo da sociedade; • Imaturos; • Frequentam a escola porque a Lei obriga; • “Geração do tanto Faz”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desinteressados; • Falta de interesse para estudar, aprender; • A internet(redes sociais, celular, parte da vida) • Muitas brincadeiras na hora de estudar; • Não conseguem entender a importância do estudo; • Gostam de beber e fazer festa; (bebidas e drogas) • Estão se distanciando das coisas boas; • Alguns não sabem o que querem.

Quadro elaborado pela Professora PDE com base nas respostas dos dos alunos e seus professores.

As descrições foram apresentadas na ordem decrescente pelo número de vezes citadas. O que percebemos diante das descrições dos professores e dos jovens sobre os sujeitos que estão dentro das salas de aula, ambos apresentam pontos em comum e elegem a falta de interesse como elemento principal.

Esse desinteresse pela educação formal segundo Charlot (2013) acontece também em função do contexto econômico, social e cultural em que vivemos e, principalmente, dos jovens valorizarem o momento presente, o hoje. Aprender com o passado para estes jovens não lhes interessa, assim como pensar o futuro, quando não se sabe o que vai acontecer, não vale a pena. Para estes jovens, o importante é viver o hoje, como se fosse o último dia de suas vidas.

Para Krawczyk (2011), a escola deve repensar sua função e reconhecer que as salas de aula são frequentadas por diferentes sujeitos que priorizam a experiência midiática e culturas centradas em outro tempo histórico, e precisam ser inseridos na sociedade do conhecimento.

A juventude está hoje diante de um futuro cheio de incertezas e mudanças constantes. Em face das incertezas do futuro, do significado que o tempo tem para a adolescência e de uma mudança cultural, encontramos nos jovens o privilégio do presente. (KRAWCZYK, 2011, p. 764)

O aluno de hoje, que tem à sua disposição variadas formas de tecnologia e acesso a informações de maneira cada vez mais rápida, não consegue se interessar por uma escola com tão poucos atrativos e no mesmo formato de gerações passadas, ou seja, igual a que seus pais e avós frequentavam. Ele já não aceita a mera transmissão de um saber descontextualizado, tem acesso a várias fontes de informação, é mais imediatista e, em muitos casos, tem mais dificuldade de usar as ferramentas básicas de aprendizagem: a leitura compreensiva, a escrita autônoma e o domínio da matemática básica.

Neste sentido, é primordial repensar a escola e sua função diante da transmissão do conhecimento frente à atual organização social, atualizando-a com reformulações nos currículos, metodologias e forma de avaliação, caso contrário seguirá num sistema arcaico organizado há séculos. Para Charlot (2013, p.60), “Há de se encarar estes desafios uma escola que manteve a forma escolar estabelecida no século XVII, uma escola cujos conteúdos se sedimentaram no fim do século XIX e no início do século XX.”

Caso a escola não for capaz de instigar os jovens para aquisição do conhecimento, não estará cumprindo efetivamente com sua missão, e pode estar levando o jovem a priorizar outras coisas em sua vida, que não a escola. A utilização de novas estratégias pedagógicas, principalmente introduzindo novas tecnologias hoje disponíveis, pode favorecer o interesse em estudar e auxiliando na permanência do jovem na escola.

Pode-se constatar nas citações dos jovens e dos professores, que estamos diante de uma geração marcada pelo amor à tecnologia, conectada virtualmente, sem limites geográficos ou de tempo e por um estilo de vida em que a internet está presente em todos os momentos de sua vida. É totalmente normal hoje em dia um jovem dizer que se deita à meia noite, ou até mesmo as duas da madrugada por

estarem conectados com esses aparelhos, seja com jogos, redes sociais, alterando assim diretamente o ciclo do sono, sua rotina e relação com os estudos. Nas respostas dos questionários quanto a fatores que podem estar interferindo no rendimento escolar o uso excessivo das redes sociais pelos celulares foi apontado como um problema que motiva o desinteresse por estudar. Dos alunos entrevistados um deles atribui sua desistência da escola ao fascínio pelos jogos virtuais e uso excessivo do celular com acessos às redes sociais:

Eu acabei desistindo da escola no ano passado porque ficava até madrugada no celular, jogando, olhando o face e conversando com a galera no zape... e aí não fazia tarefa, não estudava para as provas, e também estudar o que se, se, eu não copiava o que o professor passava...(risos) e na maioria das vezes dormia na carteira. (transcrição da fala do aluno que abandonou o colégio em 2015)

Sem dúvida a humanidade vem passando por um avanço tecnológico jamais visto, a cada dia que se passa somos metralhados por novas tecnologias e novas invenções não há como fugir. Krawczyk no artigo “Reflexões sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil hoje” orienta:

O desafio da escola não é proteger os jovens desses recursos, mas sim prepará-los para abordar a experiência de interação com eles. Aprender a ler os textos midiáticos é condição necessária para a incorporação das novas gerações a um intercâmbio cultural mais amplo e que permita a constituição ativa da cidadania. (KRAWCZYK 2011, p. 761)

Porém, cabe ressaltar que são muitos os desafios para a inserção das Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no colégio, pois são poucos os recursos disponíveis e em condições de uso, os computadores são ultrapassados, o número de máquinas em funcionamento é inferior à quantidade de alunos da turma, a internet é muito lenta e não existe um profissional capacitado na instituição para dar suporte ao professor regente. Além disso, mesmo os professores reconhecendo que estes recursos são essenciais, poucos são os professores que possuem formação para trabalhar com novas tecnologias em sala de aula. Na maioria das vezes, os jovens dominam muito mais o uso de novas tecnologias do que o professor, pois estão crescendo num mundo rodeado por elas, devendo, portanto, ocorrer oferta de capacitação permanente. E os alunos requerem aulas com uso de recursos. Segundo eles, as aulas ficam mais interessantes, conseguem manter a

atenção, facilitando a aprendizagem dos conteúdos. Essa troca de conhecimentos também é canal de diálogo entre os professores e os jovens.

Neste sentido, os alunos relataram ter uma relação de proximidade com os professores, a maioria deles centram sua aprendizagem na figura do professor e na sua ação pedagógica. Para esses alunos, alguns professores explicam bem, se preocupavam com os alunos e são compromissados, outros não. Isso pode ser constatado nas respostas dos questionários, selecionamos o fragmentos de três alunos:

“Gosto de estudar porque tem professores que fazem gostar, porque explicam bem, isso nos faz se interessar pela matéria.”

“O conteúdo das matérias me agrada, mas o que não me agrada é a explicação de alguns professores que não é muito clara e as aulas são chatas só usam o livro.”

“O que faz gostar da disciplina é o jeito em que os professores interagem com os alunos. Gosto de professor amigo mas ao mesmo tempo seja exigente que pegue no pé”

Não só nos fragmentos acima, mas em várias outros registros, a visão desses jovens sobre ter um bom ensino está intimamente ligada a ter professores que são compromissados, preocupados com os alunos e que explicam bem. Fica evidente a importância da figura do professor para o jovem e do mesmo se aprimorar adequando sua metodologia para que estimulem verdadeiramente a aprendizagem, de modo que não interfira negativamente nesse processo, mas que dê sentido. Para Krawczyk (2011, p.756), “O sentido da escola para os estudantes está bastante vinculado à integração escolar do aluno e à sua identificação com os professores.”

Esta autora defende ainda, que na atual conjuntura econômica e do cenário sombrio do desemprego o discurso de motivação para estudar e conseguir um emprego ou ascender nele pela escola se torna frágil. Por isso o papel do professor se torna fundamental como motivador para aquisição do conhecimento. Krawczyk (2011, p. 756) complementa, “O interesse pela disciplina está diretamente associado à atitude do docente: seu modo de ensinar; a paciência com os alunos; e a capacidade de estimulá-los e dialogar com eles”.

Charlot (2013) chama atenção neste sentido, porque muitos alunos e pais pensam que quem é ativo no processo ensino-aprendizagem é o professor, acham que o fato de frequentar a escola, ficar comportado e não atrapalhar a aula é

suficiente para ter uma aprovação. Nessa perspectiva, se o aluno tirar uma nota baixa a culpa é do professor, porque o aluno cumpriu com o que foi determinado. Charlot (2013, p. 179) completa, “A situação é ainda mais difícil para o professor quando grande parte dos alunos pensa que quem é ativo no ato de ensino-aprendizagem é o professor.”

Ainda segundo Charlot (2013) neste caso, o aluno e os pais desconhecem a própria estrutura do ensino e aprendizagem, da educação e da ligação entre as gerações humanas. Segundo este mesmo autor, aprender é um ato intelectual: para que haja aprendizagem, o aluno precisa estar propenso para entrar numa atividade intelectual e o professor predisposto a ensinar. Caso contrário, o professor pode ensinar; e o aluno não aprende, pode mudar constantemente de método pedagógico, pode dar sermões tentando convencer o aluno que a não aprendizagem acarreta consequências para o futuro profissional e social, nada resolve ele fracassa na escola.

Portanto, são imprescindíveis, ao mesmo tempo, a mobilização pessoal do aluno e a ação do professor (ou de qualquer incentivo a aprender); o resultado do processo de ensino-aprendizagem decorre dessas duas atividades, intimamente articuladas. (CHARLOT, 2013, p. 179)

Para encaminhar a ação descrita por Charlot, em fazer o aluno entrar na atividade intelectual, um passo importante é o reconhecimento do sujeito jovem que está dentro da sala de aula. Concordando com Charlot e complementando com as afirmações de Arroyo (1991), desigualdades sociais são resultantes das diferenças de classe e são elas que marcam o fracasso escolar nas camadas populares. Diante disso, faz-se necessário levar em consideração que a condição social do jovem pode interferir na sua trajetória escolar. Além disso, o problema da repetência e abandono têm raízes históricas e são resultantes de diversas intervenções do Estado no sistema escolar, sucumbindo-se à política imposta pelas elites.

Kuenzer (2000) defende que, para haver melhoria das condições de sucesso e permanência dos estudantes na escola, é necessário uma série de investimentos em equipamentos, em ampliação de espaços físicos e na qualificação permanente dos professores, mas sobretudo a reconstrução da proposta político-pedagógica da escola a fim de atender a nova realidade social produtiva. Segundo ela:

Essa mudança é imperativa de sobrevivência num mundo imerso em profunda crise econômica, política e ideológica, em que a falta de alternativas de existência com um mínimo de dignidade, articula à falta de

utopia, tem levado os jovens ao individualismo, ao hedonismo e à violência, em virtude da perda de significado da vida individual e coletiva. (KUENZER, 2000, P.38)

No processo avaliativo da Implementação ficou evidente mudanças de paradigmas, partindo do princípio de que os jovens estudantes são interlocutores válidos e privilegiados que querem ser ouvidos e dialogar sobre, a dinâmica escolar e dificuldades enfrentadas para a permanência e sucesso dos mesmos. Os estudos e reflexões implicaram na mudança de visão de alguns professores, passando a perceber que no cotidiano da escola não há somente estudantes, mas sujeitos jovens inserido num contexto histórico, social, cultural, possuidor de alguns conhecimentos e com expectativas. Uma professora assim relatou na ficha de avaliação do grupo de estudos:

“Posteriormente as leituras, reflexões, debates no curso, passei a revisar alguns conceitos estigmatizados, estereotipados em relação a juventude. Agora vejo meus alunos (as) como uma categoria que ambiciona ser ouvida, quer ter direitos sociais, políticos respeitados, espera que a sociedade lhe conceda novas perspectivas de vida e realizações, com competência de suceder mudanças na sociedade.” (Registro de professora participante da implementação.)

Com maior autonomia e responsabilidade para lidar com suas atividades escolares, o jovem também passa por um momento de tomada de decisões que envolvem a elaboração de um projeto de vida. Neste período, a própria família percebe uma autonomia maior dos jovens e acaba se afastando da vida escolar. Os jovens também acabam exigindo que as famílias tenham menor participação na sua vida escolar.

A dinâmica familiar e o envolvimento da família também foram apontados pelos jovens como fator determinante do fracasso escolar. O não acompanhamento da vida escolar dos filhos bem como a falta de apoio, de transmissão de valores pelos pais, problemas familiares exercem influência significativa na motivação e interesse pela aprendizagem. Assim relataram os entrevistados:

“Fiquei sem vontade de ir para escola, me desmotivei com a separação dos meus pais, falta de dinheiro, mudando para outra casa e...começando do zero, sem vontade de fazer nada nem na escola e nem no trabalho.”

“Eu não tinha vontade de estudar e a minha família era complicada... eles não estavam nem aí se eu ia ou não para escola. Aí quando cheguei no ensino médio as coisas se complicaram, muitas matérias, aí desistia, o

Conselho Tutelar ia lá em casa aí a mãe mandava eu ir pra escola senão ia perder a Bolsa Família, aí eu voltava. Quando eu voltava tinha perdido prova não tinha os conteúdos e ficava boiando na sala, não fazia quase nada.”

Na fala da entrevistada, “quando eu voltava tinha perdido prova não tinha os conteúdos e ficava boiando na sala, não fazia quase nada” está o maior desafio diante do processo de ensino e aprendizagem dos alunos que abandonam e retornam ao colégio. O que fazer para integrá-los e garantir sua permanência e aprendizagem?

A Secretaria de Estado e Educação do Paraná desenvolve desde 2013 o Programa de Combate ao Abandono Escolar⁹. No documento orientador do programa há relação de vários documentos a serem preenchidos pela comunidade escolar para encaminhamento para o Conselho Tutelar e Ministério Público quando há alunos com sucessivas faltas às aulas. Este programa visa somente o retorno do aluno à escola, não apresenta indicações para o estudante recuperar seus conteúdos e abonar as faltas para que este consiga ter acesso ao conhecimento, obter notas e frequência mínima de 75% para ser aprovado. O jovem é reconduzido fisicamente para a sala de aula, mas não há sua inclusão no processo de ensino e aprendizagem. Diante do exposto fica evidente que as ações devem ser concentradas no intuito de evitar que o jovem abandone a escola.

ABANDONO E REPETÊNCIA NA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO: as ações

Para tentar evitar as situações de fracasso, no último encontro do grupo de estudos realizamos o Planejamento de ações para auxiliar o jovem a permanecer e concluir o Ensino Médio. Estas ações objetivam orientar o trabalho pedagógico no colégio, sugerindo práticas educativas e estratégias pedagógicas que possam diversificar o ensino, tornando-o significativo e motivador para o jovem, evitando a reprovação e abandono.

Portanto, precisamos nos organizar para superar os problemas detectados na pesquisa, considerando o jovem como interlocutor nas tomadas de decisões da instituição, deixar de ver o aluno através dos problemas existentes e sim como

⁹ Documento disponível em:
http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/combate_abandono_escolar/programa_combate_abandono_escolar.pdf

sujeito de direitos. Para que este trabalho se efetive, segundo os cursistas, a gestão escolar precisa ser mais democrática e ouvir mais os alunos, oportunizando maior participação dos mesmos nas decisões da escola.

Assim sendo, os professores participantes do grupo de estudos apresentaram sugestões de práticas educativas e estratégias pedagógicas que possam ser inseridas no cotidiano escolar, como alternativas para o desenvolvimento das capacidades básicas necessárias para esta etapa da educação, diante dos principais problemas levantados durante a pesquisa, tendo como interlocutores os jovens do Ensino Médio:

- Gestão democrática para dialogar com os jovens e a cultura juvenil;
- Fazer a contextualização dos conteúdos, aproximando da realidade do aluno, dando real significado para os conteúdos evitando a fragmentação dos mesmos;
- Realizar uma seleção de conteúdos nas disciplinas buscando práticas interdisciplinares;
- Diversificar as estratégias (recursos midiáticos, charges, entrevistas, pesquisas, vídeos, palestras com profissionais em determinados temas);
- Reconhecer a realidade onde os alunos estão inseridos, para que possamos interferir de forma positiva na sua aprendizagem;
- Inserção das TICs, onde os próprios alunos poderão auxiliar na elaboração de vídeos, buscas de sites relacionados aos conteúdos, elaboração de materiais de divulgação, sendo o professor um mediador neste processo.
- Melhorar a formação para professores para compreender o sentido que o jovem atribui à escola e as relações que estabelece entre sua vida escolar e o projeto de vida;
- Realizar grupos de estudos com professores para refletir e aprimorar as práticas do Conselho de Classe, avaliação e estratégias e recursos pedagógicos;
- Grupos de estudos para os pais para que possam compreender a importância da educação para a vida dos seus filhos.
- Grupo de estudos para formação política dos jovens para composição e atuação dos membros do Grêmios Estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Superar o fracasso escolar é o maior desafio para o Ensino Médio, diante de índices ainda tão elevados de abandono e repetência nas escolas. A superação desse desafio, numa sociedade desigual, exige aprofundamento maior nas discussões coletivas desse tema a nível institucional, procurando identificar os condicionantes na comunidade escolar, as possibilidades de superação e o planejamento de ações com possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Concorde-se com Patto (2015), que o fracasso escolar, como fenômeno que expressa a complexidade da sociedade atual, produzido por múltiplas determinações que precisam ser investigadas e compreendidos no contexto da escola a partir dos seus sujeitos e determinantes, professores, alunos e proposta educacional.

A pesquisa realizada buscou identificar, analisar e sistematizar as formas mediante as quais os jovens apontaram fatores que estão contribuindo com a reprovação e abandono no Ensino Médio, tendo em vista desenvolver ações que permitem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, propiciando um ensino significativo e motivador e, portanto, colaborando para a diminuição dos índices de fracasso escolar

Cabe ressaltar também que a convivência e as relações com os colegas são percebidas como o que há de melhor para esses jovens dentro da escola. Daí a necessidade de se repensar a prática educativa, o espaço físico da escola e os tempos, levando em consideração essa convivência e as relações que os alunos estabelecem na escola. A relação afetiva com os professores também é vista como influência positiva no processo de ensino/aprendizagem.

A aproximação maior com os jovens seria o caminho para construir uma nova forma de ensino, e com certeza a Tecnologia é nosso elo os alunos do Ensino Médio. Percebemos nas salas de aula que os alunos se envolvem mais nas aulas em que professores utilizam os recursos tecnológicos e ao mesmo tempo os alunos são parceiros na busca de conteúdos midiáticos diminuindo os casos de indisciplina.

Pensar as soluções para dificuldades encontradas na educação pressupõe no primeiro momento desejar uma mudança, querer sair do estado em que se encontra. Quando uma iniciativa como o projeto de intervenção na escola desperta o interesse

dos educadores esse é o passo principal, sair do comodismo, da aceitação de situações que fogem do papel social da escola.

Com os estudos tornou-se notório a necessidade de investimentos na formação continuada dos professores e equipe diretiva, que trabalham com os jovens do Ensino Médio. O processo de formação continuada do professor deve englobar a interação entre o conhecimento teórico e prático num processo dialético, pois, as inúmeras questões sociais e a rapidez com que as informações circulam por meio das mídias demandam que práticas pedagógicas sejam repensadas e replanejadas de tal modo que o conhecimento seja o objeto da ação docente.

Neste sentido, é necessário que a escola torne o ensino includente, focalizando na formação humana integral para o mundo do trabalho e não para o mercado de trabalho. Além disso, enquanto profissionais da educação, precisamos rever nossos encaminhamentos e buscar descobrir os fatores que estão contribuindo para o abandono e repetência. Considerando a complexidade e dimensão do problema pesquisado, percebe-se a necessidade de investigar ainda mais a realidade dos alunos com dificuldades em sua escolarização para intervir de forma mais efetiva, conversando e orientando esses jovens e seus familiares a fim de resgatá-los para a vida escolar.

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ARROYO, Miguel G. **Fracasso/sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos**. Em aberto, Brasília, V. 17, n. 71, p 33-40, janeiro de 2000. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1834/1805> Acessado em 22 de julho de 2016

_____, Miguel G. **Repensar o Ensino Médio: Por quê?** In DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares, Org. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2014.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes Acesso em: 20 de abril de 2016.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer 05/2011. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília. Maio de 2011.
BRASIL, Presidência da República Casa Civil, Constituição Federal, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acessado em 12 de junho de 2016.

_____, Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do Ensino Médio, etapa I - caderno II : o jovem como sujeito do ensino médio** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [organizadores : Paulo Carrano, Juarez Dayrell]. – Curitiba : UFPR/Setor de Educação, 2013.

_____, Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do Ensino Médio, etapa I - caderno I : Ensino Médio e formação humana integral** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores : Carmen Sylvia Vidigal Moraes... et al.]. – Curitiba : UFPR/Setor de Educação, 2013.

ClAVATA, M. e FRIGOTTO, G. (Orgs) **Ensino médio: ciência cultura e trabalho**, Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

CHARLOT, Bernard, **Da relação do saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

CORTELLA, Mário Sergio. **Escola e Conhecimento Reflexões sobre fundamentos epistemológicos e políticos dessa relação**. São Paulo, PUC São Paulo, 1997.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares, Org. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2014.

FORNARI, Liamara Terezinha. **Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital**, REP – Revista Espaço Pedagógico, v 17 n.1, Passo Fundo, p. 112-124, jan./jun. 2010.
Disponível em : <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2027>, acessado em 10 de outubro de 2017.

FRIGOTTO, Gaudencio. e ClAVATTA, Marise. **Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

_____, Gaudencio; ClAVATTA, Maria; RAMOS Marise. (Orgs.) **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. 3ª Ed., São Paulo: Cortez, 2012.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?**. Educ. Soc. [online]. 2007, vol.28, n.101, pp.1287-1302. ISSN 0101-7330. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000400002>. Acessado em setembro de 2017

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa/ 4. ed.** - São Paulo : Atlas, 2002.

GIL, Carmem Zeli Vargas. SEFFNER, Fernando. **Dois Monólogos Não Fazem um Diálogo: jovens e ensino médio**, Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 41, n 1, p.175-192, jan/mar. 2016.

GROPPO, Luís Antonio. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas**. Revista de Educação do Cogeime. Ano 13, nº 25, dezembro/2004, disponível em: <http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf>
Acessado em junho de 2017.

KRAWCZYK, Nora. **Reflexão sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil**. CADERNOS DE PESQUISA V.41 N.144 SET./DEZ. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742011000300006&script=sci_abstract&tlng=pt Acessado em setembro de 2017.

KUENZER, Acacia Zeneida Kuenzer. **Ensino Médio: Construindo e uma proposta para os que vivem do trabalho**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Ensino Médio agora é para a vida: Entre o pretendido, o dito e o feito**. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n70/a03v2170.pdf>. Acessado em 14 de setembro de 2017.

_____. **Exclusão Incluyente Inclusão Excludente: A Nova Forma de Dualidades Estrutural que Objetiva as Novas Relações Entre Educação e Trabalho**. Disponível em:

http://forumeja.org.br/go/files/13%20Exclusao%20Includente%20Acacia%20Kuenzer_1.pdf . Acessado em 20 de outubro de 2017.

LIBÂNIO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos e do acolhimento social para os pobres**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022012000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acessado em 15 de agosto de 2017.

OIT, **Organização Internacional do Trabalho. Juventude e informalidade: a formalização da juventude informal Experiências inovadoras no Brasil: Escritório Regional da OIT para a América Latina e o Caribe**, 2015, Disponível em http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms_360594.pdf acessado em 23 de agosto de 2016

PARANÁ. Secretaria da Educação. **SERE, Consulta escolas**. Disponível em: <http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/f/fcls/escola/consultasIndicadorEducacional.xhtml?cid=2> Acesso em: 01 setembro. 2017.

_____. **O currículo do Ensino Médio em perspectivas**. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2010/identidade_ens_medio.pdf. Acessado em 10 de maio de 2016.

_____, Secretaria de Estado da Educação. **Programa de Combate ao abandono escolar**. Curitiba, 2013. Acessado em 12/07/2016.
http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/combate_abandono_escolar/programa_combate_abandono_escolar.pdf

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4ª Ed. Revista e ampliada. São Paulo: Intermeios, 2015.

RAMOS, M. N. **O Projeto Unitário do Ensino Médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura**. In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. Ensino Médio ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

SANFELICE, José Luiz. **Breves reflexões sobre “juventudes”, educação e Globalização**. In Machado, Otávio Luiz (org.). **Juventudes, democracia, direitos humanos e cidadania**. Frutal-MG, Prospectivas, 2013. P. 66-87.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.